



NÚCLEO DE EDUCAÇÃO CRISTÃ 1ª IPIC

Curso
Servindo no poder do
Espírito Santo



1ª IGREJA
PRESBITERIANA
INDEPENDENTE de CURITIBA
MULTPLICANDO O AMOR

AULA 1

A PESSOA DO
ESPÍRITO SANTO

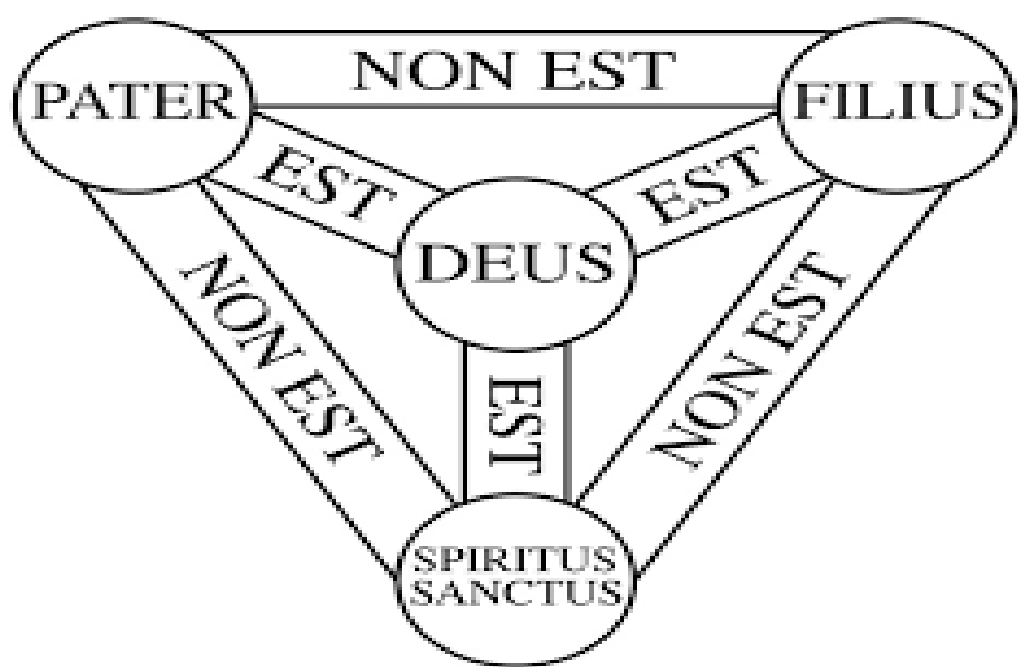
AULA 1 – A PESSOA DO ESPÍRITO SANTO

Introdução

Na Bíblia Cristo é o dom do Pai ao mundo (João 3.16) e o Espírito Santo é o dom de Cristo ao crente (Efésios 1.13). O Pai e o Filho habitam em nós por intermédio do Espírito (João 14.23,15-18). Edificados em Cristo, somos, como corpo vivo, morada de Deus no Espírito (Efésios 2.22). É um dom inefável, indescritível, inebriante (1 Coríntios 2.9-10). Antes, porém, de estudarmos a obra do Espírito Santo, precisamos conhecer a sua identidade.

Quem é o Espírito Santo

1. É a terceira pessoa da Trindade. *Há um só Deus vivo e verdadeiro (Deuteronômio 6.4) que subsiste em três pessoa: Pai, Filho e Espírito Sant, e estas três são um só Deus, da mesma substância, iguais em poder e glória (BC 5,6).*



2. O Espírito Santo é Deus. Ele tem os atributos divinos da *eternidade* (Hebreus 9.14), da *onipresença* (Salmo 139.7-10) e da *onisciência* (1 Coríntios 2.10-11). Ele também faz obras divinas na *criação* (Gênesis 1.2), na *predição* (1 Pedro 1.10-12) e na *regeneração* (Tito 3.5-6; João 3.1-7). Ele é um com o Pai e o Filho, iguais em poder e glória (2 Coríntios 13.14; Lucas 3.21-22).

3. O Espírito Santo é também uma pessoa. Não é vento nem energia nem mera influência como algumas seitas ensinam. Ele age como pessoa: *vive* nos crentes (João 14.17), *ensina* (João 14.26), *fala* (Atos 8.29), *intercede* (Romanos 8.26) e *testifica* de Cristo (João 15.26). Ele tem características de pessoa como *vontade* (1 Coríntios 12.11), *conhecimento* (1 Coríntios 2.11) e *amor* (Romanos 15.30). Ele é tratado como pessoa: mente-se ao Espírito (Atos 5.3); resiste-se ao Espírito (Atos 7.51); pode-se entristecer o Espírito (Efésios 4.30); pode-se ultrajar o Espírito (Hebreus 10.29). Como já vimos, ele é a terceira pessoa da Trindade.

4. Os nomes e os símbolos do Espírito usados na Bíblia nos ajudam a entender melhor a sua pessoa e a sua obra: *Vento* (João 3.8; Atos 2.2) nos fala do poder invisível do Espírito Santo; *Água* (João 4.13-14; 7.37-39) refere-se ao Espírito como a bênção transbordante de Deus na vida do crente; *Pomba* (Lucas 3.22) nos faz refletir sobre a mansidão do Espírito; *Selo* (Efésios 1.13-14; 4.30) nos ensina a garantia da salvação; *Óleo* (Hebreus 1.9; 1 João 2.20) nos fala da consagração para o serviço de Deus.

Samuel Chadwick, em seu livro *O Caminho para o Pentecostes*, afirma que “O Espírito Santo é Cristo sem as limitações da carne e do mundo material. É o Espírito de Deus, o Espírito de Verdade, o Espírito de Testemunho, o Espírito de Convicção, o Espírito de Poder, o Espírito de Santidade, o Espírito de Vida, o Espírito de Adoção, o Espírito de Auxílio, o Espírito de Liberdade, o Espírito de Sabedoria, o Espírito de Revelação, o Espírito de Promessa, o Espírito de Amor, o Espírito de Mansidão, o Espírito de Mente Sã, o Espírito de Graça, o Espírito de Glória e o Espírito de Profecia. Cabe à Igreja explorar os recursos do Espírito”¹.

O batismo e a plenitude do Espírito Santo

O Batismo com o Espírito Santo é o cumprimento da *promessa* do Pai (Joel 2.28-32), reafirmada por Jesus (Lucas 24. 49; Atos 1.4-5). Essa *promessa* cumpriu-se no dia de Pentecoste (Atos 2. 1-4). O Espírito veio sobre CADA UM e TODOS ficaram cheios do Espírito Santo. Foi uma experiência individual e comunitária. Para o cumprimento dessa promessa foram necessárias a morte e a ressurreição de Jesus (João 7.39; Atos 2.14-32). Em virtude da obediência de Jesus até à morte de cruz (Filipenses 2.5-8), o Pai não apenas o ressuscitou, mas o exaltou à sua direita (Filipenses 2.9-11). Além da morte e ressurreição do Senhor, a sua exaltação era também necessária para o cumprimento da promessa, como disse Pedro: *Exaltado à direita de Deus, ele recebeu do Pai o Espírito Santo prometido e derramou o que vocês agora veem e ouvem* (Atos 2.33). A partir do dia de Pentecostes, todos os que creem em Jesus como Salvador e Senhor, recebem o dom do Espírito (Atos 2.38) e são selados com o Espírito Santo da **promessa** (Efésios 1. 13-14). O batismo com o Espírito é a nossa inserção no Corpo de Cristo: *Pois, em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um só Espírito* (I Coríntios 12.13). Observe-se que neste texto Paulo está escrevendo aos crentes e afirma que TODOS, num só Espírito, são batizados no Corpo de Cristo e que a TODOS é dado beber do mesmo Espírito. Essa é a base da unidade da Igreja. O Batismo Espiritual, portanto, acontece na regeneração e o Batismo com água é a expressão visível desse *lavar regenerador e renovador do Espírito Santo, que ele derramou sobre nós ricamente, por meio de Jesus Cristo nosso Salvador, a fim de que, justificados por graça nos tornemos seus herdeiros, segundo a esperança da vida eterna* (Tito 3. 5-7).

A plenitude do Espírito Santo deve ser uma experiência contínua dos batizados pelo Espírito no Corpo de Cristo. Aos crentes, Paulo exorta: *enchei-vos do Espírito*. Essa experiência da PLENITUDE do Espírito dada ao crente, registrada em Efésios 5.18-21, não acontece num ato, mas num processo e num contexto de adoração individual e comunitária. O verbo está no imperativo, no presente contínuo e na voz passiva. Portanto, a ordem poderia ser assim traduzida: *Deixai-vos encher continuamente do Espírito*. Como? *louvando* de coração (5.19), *agradecendo por tudo* (5.20) e *sujeitando-vos uns aos outros* no temor de Cristo (5.21). Quando o louvor (19), a gratidão (20) e a submissão (21) são atitudes permanentes, vivemos com naturalidade na plenitude do Espírito. Dessa experiência surgem

¹ Chadwick, S. *O caminho para o Pentecostes*, p.11

resultados práticos no relacionamento entre esposa e esposo (Efésios 5.22-33), entre pais e filhos (Efésios 6.1-4) e entre empregadores e empregados (Efésios 6.5-9). Esses são os relacionamentos básicos da vida humana. A plenitude do Espírito Santo precisa ser renovada constantemente, porque podemos entristecer ou negligenciar o Espírito (Efésios 4.30;1 Tessalonicenses 5.19). Podemos até mesmo resistir ao Espírito (Atos 7.51) ou sofrer desgaste no trabalho do Reino. Nessas situações, a plenitude pode e deve ser restaurada pelo arrependimento e pela busca em unidade (Atos 4.23-24,31 Efésios 5.18). A plenitude do Espírito Santo é a vida cristã normal. Menos do que isto é uma vida espiritual pobre e infrutífera.

Conclusão

A leitura atenta de João 14 e 16 nos revela lições preciosas sobre o Espírito Santo ensinadas por Jesus aos seus discípulos: (1) Que o mesmo Espírito que foi dado ao Filho ser-lhes-ia dado também; (2) Seria para eles tudo o que tinha sido para Jesus; (3) Seria mais ainda do que tinha sido para Ele porque a igreja e o corpo ampliado de Jesus; (4) Seria NELES o que Cristo tinha sido COM eles; (5) Ganhariam com o Espírito mais do que perderiam com a partida de Cristo; (6) o Espírito seria o Paracleto, ou representante do Cristo e, através da sua presença, o Pai e o Filho viveriam neles; (7) a missão do Espírito seria glorificar o Filho, tomando as coisas de Cristo e colocando-as ao dispor deles. Todas essas afirmações aplicam-se a nós hoje. Mais uma vez, citamos Samuel Chadwick: A “provisão do Espírito” supre todas as necessidades. [...] Ele é o selo e a garantia. Se o possuímos, Ele nos guarda para Deus e Sua herança; assegura-nos uma herança gloriosa, completa e eterna em Deus. É por isso que o dom do Espírito sempre põe o coração a cantar. Nele a confiança é inabalável, o poder é invencível e o gozo inefável”².

² Samuel Chadwick, *O Caminho para o pentecostes*, p.15

AULA 2

AÇÃO DO ESPÍRITO NA REGENERAÇÃO E SANTIFICAÇÃO

AULA 2 – AÇÃO DO ESPÍRITO NA REGENERAÇÃO E SANTIFICAÇÃO

Introdução

Já estudamos na primeira lição o Espírito Santo como terceira pessoa da Trindade. Cremos num só Deus que subsiste em três pessoas distintas, da mesma substância e iguais em poder e glória. Quanto às obras do Deus trino, as Escrituras atribuem ao Pai as obras da criação e da providência; ao Filho, como o nosso Mediador, as funções de profeta, sacerdote e rei para a nossa redenção; ao Espírito Santo, a aplicação dos resultados da obra de Cristo na regeneração, na santificação dos eleitos e na edificação da igreja por meio dos dons espirituais. As três pessoas da Trindade são também solidárias no exercício das suas funções. O Espírito Santo atua na criação (Gn 1.2) e na redenção (Hb 9.13-14); o Filho é o mediador da criação (Jo 1.1-3; Cl 1.15-16); o Pai nos elege em Cristo antes da fundação do mundo (Ef 1.4) para a salvação.

O Espírito Santo na obra da regeneração

Jesus foi claro quando disse a Nicodemos: *se alguém não nascer de novo (regenerar), não pode ver o reino de Deus* (João 3.3). Diante do assombro e da incredulidade do mestre de Israel, Jesus reafirmou: *quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do Espírito é espírito* (João 3.5-6). O Espírito Santo, primeiro, nos convence do pecado. Ele faz isto agindo na consciência do pecador (João 16.8-11) por meio da pregação do evangelho (Atos 2.37-38). Quando estamos convictos do pecado, arrependemo-nos e cremos em Jesus para a salvação. Mas, como diz o Breve Catecismo, *tornamo-nos participantes da redenção adquirida por Cristo pela eficaz aplicação dela a nós pelo seu Santo Espírito*³. O Deus trino opera em nossa redenção: O Pai ordena, o Filho resgata e o Espírito Santo aplica.

A regeneração, portanto, é obra do Espírito Santo em nós. Como ele faz isto? O Breve Catecismo responde de forma resumida, mas fiel ao ensino da Bíblia: *O Espírito aplica a nós a redenção adquirida por Cristo, operando em nós a fé e unindo-nos a Cristo por meio dela em nossa vocação eficaz*⁴. Paulo ensina: *Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus* (Efésios 2.8). Os que se tornam filhos de Deus pela fé em Jesus (João 1.12), *não nasceram do sangue, nem da vontade do homem, mas de Deus* (João 1.13). É ação divina, misteriosa. Na conversa com Nicodemos, Jesus disse ainda: *Não te admires de eu te dizer: importa-vos nascer de novo. O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo o que nascido do Espírito* (João 3.7-8). E Paulo esclarece: *Quando, porém, se manifestou a benignidade de Deus, nosso Salvador, e o seu amor para com todos, não por obras de justiça praticadas por nós, mas segundo a sua misericórdia, ele nos salvou mediante o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo, que ele derramou sobre nós ricamente, por meio de Jesus Cristo, nosso Salvador, a fim de que, justificados por graça, nos tornemos seus herdeiros, segundo a esperança da vida eterna* (Tito 3.4-7). Ao cremos em Jesus, recebemos o selo do Espírito, garantia da salvação (Efésios 1.13). No Espírito somos batizados no corpo de Cristo (1 Coríntios 12.13), tornando-nos um com ele (1 Coríntios 6.17).

O novo nascimento não acontece nem pela vontade, nem pelo poder do homem. Assim como um bebê não resolve nascer – ele só nasce por causa de outros, também o novo nascimento

³ Breve Catecismo, 29

⁴ Ibid., 30

depende da vontade de Deus e do poder do Espírito Santo. A Bíblia afirma ainda: *Ele nos deu vida, estando vós mortos em delitos e pecados* (Efésios 2.1). Ora, um cadáver não toma atitude nenhuma – só pode voltar à vida pelo poder de outro. Da mesma forma, estando espiritualmente mortos, só podemos renascer para a vida pelo poder de Deus. A regeneração pode ser definida como *um ato instantâneo do Espírito que dá ao homem nova natureza*. É necessária para a salvação.

O Espírito Santo opera em nós a fé e nos une a Cristo por meio dela em nossa vocação eficaz. A definição do Breve Catecismo é precisa: *Vocação eficaz é a obra do Espírito Santo, pela qual, ao convencer-nos do pecado e da nossa miséria, iluminar o nosso entendimento pelo conhecimento de Cristo e renovar a nossa vontade, nos persuade a abraçar Jesus Cristo, que nos é oferecido de graça no Evangelho*⁵. Somos exortados a desenvolver a nossa salvação com temor e tremor (Filipenses 2.12) *porque é Deus quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade* (Filipenses 2.13). O resultado da regeneração é que *aqueles que são eficazmente chamados gozam, nesta vida, da justificação, da adoção e santificação, e das diversas bênçãos que acompanham estas graças ou delas procedem*⁶. Isto significa que, pela vocação eficaz, somos justificados e temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo (Romanos 5.1); significa também que temos um Pai espiritual e fazemos parte da família de Deus (Efésios 2.18-19); por fim, temos um relacionamento com Cristo no qual somos habilitados a viver como discípulos dele de acordo com a vontade do Pai (1 Ts 4.3; Hebreus 12.14)⁷. O efeito desta obra misericordiosa de Deus em nossas vidas é a certeza do amor de Deus, a paz de consciência, a alegria no Espírito Santo, o aumento da graça e perseverança nela até ao fim.

A ação do Espírito Santo na santificação

Visto que as nossas doutrinas usam o conceito da justificação pela fé, ao invés de regeneração, vamos observar as definições do Breve Catecismo para depois relacionarmos justificação e santificação. *Justificação é um ato da livre graça de Deus, no qual ele perdoa todos os nossos pecados e nos aceita como justos diante dele, somente por causa da justiça de Cristo a nós imputada, e recebida somente pela fé*⁸. Logo depois, define santificação: *Santificação é a obra da livre graça de Deus, pela qual somos renovados em todo o nosso ser, segundo a imagem de Deus, habilitados a morrer cada vez mais para o pecado e a viver para a retidão*⁹. Em que a justificação difere da santificação? A justificação é completada imediatamente; a santificação é um processo efetuado em etapas até chegar à perfeição na glória. A justificação altera a posição ou a situação da pessoa diante de Deus; a santificação é uma operação interior visto que muda o coração e a vida do homem. A justificação é um ato de Deus que só envolve a nossa fé; a santificação é a obra de Deus que nos renova por dentro à medida que usamos os meios de graça.

A palavra santificar na Bíblia tem dois sentidos: separar de um uso comum para um uso sagrado (Êx 28.41; Jo 10.36; 17.15-17); tornar moralmente puro ou santo (1 Co 6.9-11). Na santificação, o Espírito Santo age no coração do crente, no novo homem, promovendo uma renovação segundo a imagem de Deus em conhecimento, justiça e santidade procedentes da verdade (Ef 4.20-24). Nesse processo somos capacitados a morrer cada vez para o pecado e a viver para a retidão (Rm 6.11-14). A santificação é ao mesmo tempo uma graça, uma ação

⁵ Ibid., 31

⁶ Ibid., 32

⁷ Ver Breve Catecismo 33,34,35 e 36 sobre a justificação, a adoção, a santificação e as bênçãos que acompanham estas graças ou delas procedem.

⁸ Breve Catecismo, 33

⁹ Breve Catecismo, 35

de Deus, e um desafio: *Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis os vossos corpos por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus* (Romanos 12.1-2).

Percebemos pelo que vimos até aqui, que a santificação tem três aspectos: *definitiva, progressiva e final*. A *santificação definitiva* é o perdão dos nossos pecados. Ao crermos em Jesus, fomos santificados, *mediante a oferta do corpo de Jesus Cristo, uma vez por todas* (Hb 10.10). Paulo dirige-se à *igreja de Deus que está em Corinto, aos santificados em Cristo Jesus, chamados para ser santos, com todos os que em todo lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso* (1 Co 1.2). Neste sentido, todos os crentes podem ser chamados santos (2 Co 1.1; Ef 1.1; 4.12; Fp 1.1; At 9.13). Por outro lado, a *santificação progressiva* é o crescimento espiritual que deve acontecer durante a nossa peregrinação terrestre. Os dois primeiros aspectos caminham juntos: *Porque, com uma única oferta, aperfeiçoou para sempre quantos estão sendo santificados* (Hb 10.14). Somos exortados a crescer na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo (2 Pedro 3.18). A transformação contínua é claramente ensinada na Bíblia: *Ora, o Senhor é Espírito; e, onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade. E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito* (2 Co 3.17-18). Por fim, a *santificação final* é a transformação total do crente ao entrar no céu. João escreveu: *Amados, agora, somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que haveremos de ser. Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque haveremos de vê-lo como ele é. E a si mesmo se purifica todo o que nele tem esta esperança, assim como ele é puro* (1 Jo 3.2-3). Depois de exortar os cristãos contra os falsos mestres, *visto que só se preocupam com as coisas terrenas* (Fp 3.17-19), Paulo escreveu este texto riquíssimo sobre a santificação final: *Pois a nossa pátria está nos céus, de onde também aguardamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, o qual transformará o nosso corpo de humilhação, para ser igual ao corpo da sua glória, segundo a eficácia do poder que ele tem de até subordinar a si todas as coisas* (Fp 3.20-21).

A santificação é uma graça e um dever. Só o Espírito Santo pode operar essa transformação interior contínua, mas, na dependência do Espírito, devemos fazer uso diligente dos meios de graça que Deus coloca à nossa disposição. O Espírito age por meio da Palavra, da Oração, dos Sacramentos, da Adoração e da Comunhão fraterna. Diante disto, somos exortados a nos purificar de toda impureza, tanto da carne como do espírito *aperfeiçoando a nossa santidade no temor de Deus* (2 Co 7.1). A exortação de Paulo é pertinente neste contexto: *Finalmente, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o vosso pensamento. O que também aprendestes, e recebestes, e ouvistes, e vistes em mim, isso praticai; e o Deus da paz será convosco* (Filipenses 4.8-9).

Conclusão

A essência da vida humana é espiritual. Todos os seres vivos foram criados pelo poder da palavra, mas o homem foi feito à imagem e semelhança de Deus e recebeu o sopro (ruah) de vida (Gn 2.7). Por isso o Espírito divino inspira o espírito humano na literatura, nas artes, na filosofia e na ética. A salvação abrange o espírito (ruah), a alma (nefesh) e o corpo (basar) (1 Ts 5.23). O Espírito testifica com o espírito do regenerado que ele é filho de Deus. *Pois vocês não receberam um espírito que os torne, de novo, escravos medrosos, mas sim o Espírito*

de Deus, que os adotou como seus próprios filhos. Agora nós o chamamos "Aba, Pai", pois o seu Espírito confirma a nosso espírito que somos filhos de Deus ([Rm 8:15,16](#)).

Nas aulas seguintes vamos estudar os dons do Espírito que capacitam o crente para realizar as obras de Deus. O desenvolvimento da doutrina do Espírito Santo não teve a mesma ênfase dada a doutrina do Pai e do Filho nos credos da igreja primitiva e nas confissões da igreja reformada. Principalmente o que se relaciona com os dons espirituais. Esta tendência foi demonstrada pelo teólogo H.P. Van Dusen num livro cujo título já revela o seu propósito: Espírito, Filho e Pai. Ele destacou que o pentecostalismo é a terceira força do cristianismo ao lado do catolicismo e dos protestantes históricos e que o movimento pentecostal "é o tambor de Deus para o mundo".

AULA 3

**OBRA DO ESPÍRITO;
CARISMA E OFÍCIO**

AULA 3 - OBRA DO ESPÍRITO: OFÍCIOS E CARISMAS

A obra do Espírito Santo na regeneração e na santificação está bem definida e desenvolvida no sistema doutrinário da nossa igreja. O mesmo, porém, não pode ser dito em relação aos dons espirituais. De acordo com Berkhof¹⁰, o movimento pentecostal revelou que a teologia, de modo geral, tem descuidado este aspecto importante da obra do Espírito. Outro teólogo de expressão mundial, C.H. van Dusen¹¹, afirmou que o impacto do movimento pentecostal é importante porque esse movimento representa a terceira força do cristianismo atualmente. Como resultado positivo, há um reconhecimento crescente da contemporaneidade dos dons do Espírito Santo nas igrejas de tradição reformada, que será estudado em outra lição. Nesta lição, vamos estudar a relação dos ofícios e carismas e a importância disto para o dinamismo da igreja.

Ofícios e carismas na vida e missão da igreja

A menção a ofícios no Novo Testamento aparece em textos como 1 Coríntios 12.28 (apóstolos, profetas, mestres, governos...); Efésios 4.11 (apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres); 1 Timóteo 3.1-13 (presbíteros e diáconos); Atos 20.17,28 (presbíteros, bispos, pastores). A palavra presbítero não se refere propriamente a um ofício, mas à maturidade necessária para exercer qualquer ofício na igreja (1 Pedro 5.1-4; Atos 20.28). O colegiado de anciãos (presbíteros) teve origem na necessidade que Moisés percebeu de dividir a carga com pessoas maduras (Números 11.16-17). Os setenta mencionados no texto já eram superintendentes entre o povo, mas foram qualificados para esta função por Moisés. A igreja seguiu este modelo estabelecendo colegiado de presbíteros nas igrejas locais (Atos 14.23; Tito 1.5; Atos 15.2). Desse colegiado participavam pessoas capacitadas com dons para o exercício de diversos ministérios (Atos 13.1-3). O exemplo de Timóteo mostra o nível espiritual desses colegiados no reconhecimento de carismas e na ordenação para ofícios (1 Timóteo 4.14).

Depois de fazer comentários sobre os dons espirituais, que ele chama de poderes (facultatibus) em 1 Coríntios 12. 1-27, Calvino prosseguiu discutindo ofícios em 1 Coríntios 12.28. *O Senhor só designou os ministros depois de muni-los com os dons (carismas) indispensáveis e fazê-los aptos para os deveres a que foram destinados realizar. A ordem natural é que os dons (carismas) vêm antes do ofício efetivo. Os ofícios são designados de tal maneira que, por seus esforços combinados, contribuam para a edificação da igreja*¹². Para Calvino, Paulo não apresentou em suas listas de 1 Coríntios 12.28 e Efésios 4.11 todo gênero de ofícios porque não era necessário, pois tudo o que apóstolo queria era apresentar exemplos. A distinção entre ofícios e carismas é de função e não de posição e domínio. As tarefas são distribuídas sob a orientação do Espírito Santo (Atos 13.1-3).

Ofícios e carismas, portanto, não são opostos, mas complementares. Ofícios representam autoridade, governo e ordem; carismas representam manifestações do poder do Espírito Santo nos crentes para edificação (1 Coríntios 12.7,11; 2 Coríntios 3.17). A autoridade é legítima quando exercida na mesma atitude de serviço demonstrada por Jesus (Marcos 10.42-45) e reconhece igualdade dos irmãos na comunidade cristã (Gálatas 3.26-29). Mas a autoridade, sem os carismas, pode degenerar-se numa estrutura burocrática, clericalista, dominadora e opressora (3 João 1. 9-12). Por outro lado, carismas sem ofícios (autoridade) podem degenerar-se em individualismo subjetivista e provocar desordem (1 Coríntios 12.1;

¹⁰ Berkhof, H. *La Doctrina del Espiritou Santo*, pp. 98-99

¹¹ Para enfatizar o descuido mencionado por Berkhof, Van Dusen escreveu um livro com o título: *Espírito, Filho e Pai*

¹² 1 Coríntios pp.388-389

14.37-40). Os abusos de autoridade e as atitudes de rebelião devem ser corrigidas *segundo a verdade do evangelho* (Filipenses 4.2-3; 1 Coríntios 5.1-5; Gálatas 2.11-14).

Em nossa igreja, a autoridade dos oficiais é inteiramente espiritual e é exercida individualmente (ordem) ou em concílios (jurisdição). As atividades da igreja constituem-se de pregação, ensino, governo, disciplina, beneficência e administração de sacramentos, e os oficiais que as exercem são: presbíteros docentes ou ministros, presbíteros regentes ou presbíteros e diáconos. Os ofícios são perpétuos, mas suas funções, temporárias (Constituição IPB). Tendo em vista essas normas instituídas, cumpre-nos aprofundar o nosso conhecimento dos ofícios e carismas à luz do Novo Testamento, principalmente para que sejamos incentivados a buscar com zelo os dons espirituais (1 Coríntios 12.29-31) para a edificação da igreja e para discernir o nosso chamado para o exercício de ofícios.

A fonte dos dons (carismas) e ofícios

Depois de afirmar que *há um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, age por meio de todos e está em todos* ([Efésios 4:6](#)), Paulo mostra como Deus age por nosso meio para abençoar pessoas: *E a GRAÇA foi concedida a cada um de nós segundo a medida do dom de Cristo* ([Efésios 4:7](#)). Graça, aqui, é capacitação para servir. Ela nos é dada na proporção do dom Cristo (Romanos 12.3). Paulo aplica a Cristo o Salmo 68.18: *Quando ele subiu às alturas, levou cativo o cativo e concedeu dons aos homens.*" ([Efésios 4:8](#)). A figura é do rei sendo coroado, aclamado e dando presentes aos seus súditos. Antes de subir ao céu, Cristo desceu à terra, morreu pelos nossos pecados, foi sepultado, mas ressuscitou imortal, destruiu o cativo do pecado, subiu ao céu, foi glorificado pelo Pai (Efésios 4.9-10) e concedeu pessoas dotadas para o ministério da palavra (Efésios 4.11) com o propósito de aperfeiçoar os santos para o ministério e para a edificação do corpo de Cristo (Efésios 4.12). O ministério da palavra é essencial e indispensável para que cada santo seja capacitado para o ministério orientado pelos seus dons (Efésios 4.12a) e para a edificação do corpo de Cristo (Efésios 4.12b). O alvo é a unidade da fé, o crescimento contínuo rumo à maturidade na medida da estatura da plenitude de Cristo (Efésios 4.13); 1 João 3.2-3). Sem a ingenuidade das crianças e a instabilidade das ondas (Efésios 4.14) e seguindo a verdade em amor (Efésios 4.15), cada um encontra o seu espaço para exercer o seu dom na edificação do corpo de Cristo (Efésios 4.16).

Os apóstolos lançam o fundamento do evangelho, os profetas vitalizam a mensagem, os evangelistas difundem as boas novas, os pastores cuidam dos que se rendem ao Cristo proclamado e os mestres consolidam os resultados para que a igreja local seja uma comunidade apostólica, profética, evangelística, pastoral e mestra onde todos, no exercício dos seus dons, ministram e são ministrados, servem e são servidos, acolhem e são acolhidos (1 Pedro 4.10-11).

Para o exercício desses ofícios não há necessidade de títulos nem de hierarquia. Num colégio de anciãos (presbíteros) e/ou sob a supervisão deles (bispos) esses ofícios são exercidos hoje. Por exemplo, no sentido primário, como testemunhas da vida, ministério, morte e ressurreição de Jesus, os apóstolos são doze. Mas o ministério apostólico prossegue por todos os que continuam lançando o fundamento dos apóstolos na edificação da igreja (1 Coríntios 3.10-17). Tanto no ministério dos apóstolos quanto de outros ministérios, os dons do Espírito se manifestam

Como exemplo de distinção entre ofício (ministério) e carisma (dons), tendo, ambos, a mesma fonte, citamos as diferenças entre **o dom de profecia e o ofício de profeta** feitas por Kris Vallotton: o dom é concedido pelo Espírito ao crente, mas o ofício é um dom de Cristo à igreja; o dom é algo que se faz, mas o ofício é algo que se é; o dom é disponível aos crentes e pode

ser buscado, mas o ofício é escolhido por Deus não sendo incentivado que se busque ser; o dom é para edificação, exortação e consolação, mas o ofício é para dirigir, corrigir, governar e equipar¹³.

Quanto à contemporaneidade dos dons (carismas) e ofícios (ministérios) serão estudados na Aula 6.

O resgate da prática efetiva dos dons espirituais de acordo com as Escrituras nos permite viver o dinamismo espiritual que encontramos no Novo Testamento.

¹³ Vallotton, K. Apud Montosa, R. Ministério Profético p. 85

AULA 4

FRUTO E DONS DO ESPÍRITO

AULA 4 – FRUTO E DONS DO ESPÍRITO

Em Mateus 28:19-20, o Senhor Jesus deixa muito claro qual é o nosso dever como integrantes e parte do Corpo de Cristo. Lendo esse texto percebemos que a ordenança do Senhor é para fazermos discípulos em todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Em primeiro lugar devemos entender que devemos obedecer a essa ordenança e não menospreza-la, nos deixando a disposição do Senhor para que Ele cumpra os seus propósitos através de nós. Mas mais importante ainda é sabermos que essa obra não será realizada a partir de força e sabedoria humana, mas sim, a partir do agir e da capacitação do Senhor. A obra é Dele e Ele nos capacita a realizar essa obra a partir dos dons espirituais. O Espírito Santo gera o fruto do Espírito em nossos corações, ou seja, forma o caráter de Cristo em nós e a partir desse caráter utilizamos os dons de acordo com a vontade do Senhor e nos tornamos uma comunidade do Corpo de Cristo que adora o Pai em espírito e em verdade e que faz discípulos em todas as nações.

O que são os dons espirituais?

São habilitações do Espírito, concedidas a cada membro do corpo de Cristo, para realizar a obra de Deus. Assim como uma pessoa formada em Direito só é habilitada a advogar quando recebe a habilitação da OAB, nós, mesmo integrantes do corpo de Cristo, só poderemos realizar a obra do Pai quando formos habilitados pelos dons espirituais concedidos pelo Espírito. Também é importante entender que essas habilitações vão além da capacidade humana representada pelos talentos naturais, o Senhor usa cada um de acordo com os seus talentos, mas também capacita cada membro do Corpo com dons para que de forma sobrenatural e mediante a ação do Senhor, possamos como Igreja tocar a vida de pessoas a partir do Evangelho. Para diferenciarmos dom e talento, é necessário termos o entendimento que o dom é caracterizado pela dependência de Deus, pois ele é concedido, direcionado e usado como o Senhor deseja e a partir do poder de Deus e não de homens. Por exemplo, uma pessoa pode ter o talento natural de cantar e ela pode cantar onde, o que e como quiser que permanecerá cantando bem, pois é um talento. Já o dom, ele só pode ser exercido mediante a dependência de Deus, para os propósitos Dele e da forma e no momento em que Ele deseja, se não for dessa forma a utilização do dom não gerará frutos.

Quais são os dons espirituais?

Em 1 Co 12: 8-10, são citados nove dons: sabedoria, conhecimento, discernimento, fé, cura, milagre, profecia, línguas e interpretação de línguas. O dom da profecia é caracterizado por uma revelação concedida por Deus precedida de um conselho orientado por Ele, como aconteceu quando José recebeu a interpretação do sonho do Faraó e o direcionou a guardar alimento no período de vacas gordas para que não faltasse comida no período de escassez. O dom de conhecimento está relacionado a revelação de um fato presente ou passado da vida de uma pessoa, tendo como objetivo instruir e direcionar. O dom de discernimento é caracterizado por discernir a origem espiritual de uma fala ou atitude, percebendo de forma nítida se o que está sendo feito ou falado provém de Deus ou não, assim como Paulo quando repreendeu e libertou a escrava que predizia o futuro

em Atos 16. O dom da fé não é a fé salvadora que nos direciona a crer em Jesus, mas sim uma fé especial associada a operações miraculosas, como no caso da mulher do fluxo de sangue. O dom da cura está relacionado especificamente a cura de enfermidade como vemos em Atos 5, o Senhor agir através da vida de Pedro e dos demais apóstolos. O dom de milagres é caracterizado pela intervenção divina no curso da natureza como na abertura do mar vermelho. O dom da profecia está relacionado a uma revelação dada por Deus e que Ele deseja que seja entregue por meio de palavras para instruir, consolar e edificar, sempre tendo como base a Palavra de Deus. O dom de línguas é caracterizado por expressões vocais em línguas não aprendidas e não entendidas por pessoas a não ser através do dom da interpretação de línguas. Em Rm 12: 5-8, podemos ver outros dons como: generosidade, misericórdia, liderança, serviço e ensino. Em outros textos podemos ver também outros dons como em Ef 1:4, porém, nunca se esgotam as possibilidades do Espírito. Ele é livre para habilitar os crentes para o serviço onde e como Ele quiser. Apenas precisamos estar submissos a Cristo e disponíveis para a obra.

Quem concede os dons e com qual propósito?

Em 1 Co 12: 4-6, podemos notar o agir da trindade para conceder os dons e capacitar os crentes para que os mesmos fluam a partir deles de uma forma que agrade o coração do Pai. Pois notamos que há diferentes tipos de dons, mas que todos eles são concedidos pelo mesmo Espírito. Existem também diferentes tipos de ministério, ou seja, diferentes formas de servir as pessoas, mas o Senhor é o mesmo e é o Senhor Jesus que nos inspira a servir da forma correta a partir dos dons concedidos pelo Espírito. Também vemos que há diferentes formas de atuação, mas é o mesmo Deus, o mesmo Pai, que opera tudo em todos. O Senhor opera em nós tanto o querer quanto o realizar a partir de todos, concedendo dons por meio do Espírito e nos ensinando a servir a partir da vida do Filho, ou seja, servindo em amor. Com isso, percebemos que não devemos ser ignorantes em relação aos dons, ou seja, não podemos ser negligentes em relação as habilitações que o Espírito está pronto para nos conceder, mas também não podemos usá-los de uma forma que desagrade o coração do Pai. Devemos sempre exercer os dons a partir do exemplo de Jesus, buscando servir ao próximo e glorificar o Pai que opera tudo em nós e através de todos mediante a ação do Espírito em nosso viver.

Como exercer os dons espirituais?

Em 1 Co 14: 39-40, vemos que os dons devem ser utilizados com decência e ordem e em 1 Co 14: 22-25, vemos que os mesmos devem ser utilizados tendo como único objetivo, edificar o corpo de Cristo. Com isso, podemos notar que os dons não devem ser usados para projeção pessoal ou qualquer outro objetivo a não ser a edificação do corpo de Cristo, ou seja, eles devem ser utilizados para que todos possam se tornar como Jesus e para que o caráter de Cristo seja formado em nós. Muitas vezes pode parecer muito complicado entender a forma como os dons devem ser utilizados, porém, em 1 Co 13: 1-13, Paulo deixa bem claro que o amor é o que direciona todas as coisas. Nessa passagem, Paulo está expondo para a comunidade de Corinto, que existe um caminho mais excelente do que apenas a busca por dons para que os trabalhos da Igreja sejam bem-sucedidos e agradem o coração de Deus e que esse caminho mais excelente é o amor. Pois o amor gera em nós o fruto do Espírito, o caráter de Cristo, para que possamos exercer o chamado do Senhor com excelência a partir da utilização dos dons de acordo com a

vontade de Deus. Quando buscamos o amor não geramos divisões e não temos sentimentos como ciúmes ou inveja, muito pelo contrário, caminhamos em unidade, nos tornando o que Cristo espera de nós como indivíduos e como comunidade. Por isso, como está escrito em Gálatas 5: 16-26, devemos andar no Espírito, para que o Espírito nos direcione e produza em nós o fruto do Espírito para sermos como Jesus e realizamos a obra do Pai mediante o poder de Deus em nós. É o Espírito que nos direciona, nos capacita e nos empodera, se permanecermos Nele nos tornaremos o que o Senhor deseja e realizaremos aquilo que Senhor deseja que realizemos.

AULA 5

A DINÂMICA DO ESPÍRITO SANTO NO CORPO DE CRISTO

AULA 5 - A DINÂMICA DO ESPÍRITO SANTO NO CORPO DE CRISTO (1 Coríntios 12.12-31)

A igreja são as pessoas e ela é comparada a uma família – família da fé, Corpo de Cristo. São as pessoas que compõe esse grande corpo. O corpo é a figura predileta do apóstolo Paulo para descrever a igreja e em Coríntios 12: 12-31, ele destaca três grandes verdades que vamos refletir em nossa aula:

1. Unidade do corpo (1 Coríntios 12.12,13).

O corpo é uno e sua principal característica é a unidade. Vamos refletir primeiro sobre o que essa unidade não é. Ela não é organizacional, nem denominacional, ela é espiritual. Igreja não é templo, ela é movimento – por isso, ela é dinâmica (Lucas 21: 5-6; João 17: 21-23; Efésios 2: 19-22; 1 Cor. 12: 12-13). O Espírito Santo se move de forma dinâmica entre o povo de Deus, gerando unidade. Pois professamos a mesma fé e fomos batizados no mesmo Espírito.

Essa unidade do Espírito Santo não pode ser confundida com o ecumenismo, que diz que não importa sua crença, não importa a sua teologia, não importa o Deus que você crê, sob a falsa afirmação: “todos os caminhos levam a Deus”. Mas a bíblia é clara: *“Respondeu Jesus: eu sou o caminho a verdade e a vida ninguém vem ao Pai a não ser por mim”*, só há unidade se for através de Jesus, do seu sangue, do novo nascimento e do mover do ESPÍRITO em nossas vidas. A unidade é espiritual, pois é interna e não externa, ela acontece nos corações daqueles que creem verdadeiramente em Jesus.

¹³Assim, também, todos nós, judeus e não judeus, escravos e livres, fomos batizados pelo mesmo Espírito para formar um só corpo. E a todos nós foi dado de beber do mesmo Espírito. (1 Cor 12: 13).

O que é que me insere no corpo de Cristo? Batismo ou sangue de Cristo (o entendimento do sacrifício de Jesus, Senhor e Salvador)?

- O sangue de Cristo. *“Pode ser difícil estabelecer a unidade entre meus pés, minhas mãos e meus rins. Contudo, o mesmo sangue alimenta esses membros e todos os outros. Assim como o sangue é elemento que unifica e da vida ao corpo, o sangue de Cristo nos torna um!”*. Peter Vagner, afirma e é correto: É através do Sangue de Jesus - onde ocorre a regeneração.

Quando nós entendemos que precisamos de Cristo e que ele é o nosso único Senhor e Salvador, é ali que acontece o que nós chamamos de conversão, de regeneração, de redenção. O Espírito nos convence do pecado e é aí que entendemos a necessidade de mudança de vida. E assim, damos o outro passo: o batismo, que é o sinal de que pertencemos a um corpo (comunidade), é selo do Senhor sobre nós. Nas palavras de João Calvino – É Meio de graça - *“Sinal visível da graça de Deus perceptível em nós”*.

O que é então a UNIDADE?

De acordo com Paulo: Nós confessamos o mesmo Senhor (12:1-3), dependemos do mesmo Deus (12:4-6), ministramos no mesmo corpo (12: 7-11), e experimentamos o mesmo batismo (12:12,13).

A unidade se expressa na comunhão, na mesma confissão, adoração, serviço (mesmo corpo), no mesmo selo batismal, mesma confissão na Trindade. Estamos unidos com Pai, Filho e o Espírito em plena harmonia e poder, agindo em nós e através de nós. Através deste selo (batismo), somos inseridos na família espiritual – corpo - igreja.

A unidade é espiritual, pois, não diz respeito sobre mim, mas do favor de Deus, que é graça imerecida. Portanto, a igreja unida é corpo vivo, é Deus em nós, entre nós e através de nós.

Como nós experimentamos de forma concreta a unidade?

Experimentamos de forma concreta a dinâmica do Espírito através da unidade, quando vivemos o corpo vivo de Cristo, quando nos relacionamos uns com os outros, quando nos importamos verdadeiramente, isso é ser igreja, vida na vida.

A igreja em células proporciona viver isso na prática, pois é um pequeno corpo. Ali há unidade com Pai e os irmãos. A unidade é uma benção do Senhor para o seu povo, quando somos unidos, honramos o sangue derramado no calvário.

Uma igreja que o Espírito Santo opera é unida no mover dele, e faz o que o Espírito diz, pois é sensível a sua presença. (Mateus 12:25; Efésios 2: 13-16; 1João 4:11).

3 *Façam tudo para conservar, por meio da paz que une vocês, a união que o Espírito dá.* **4** *Há um só corpo, e um só Espírito, e uma só esperança, para a qual Deus chamou vocês.* (Efésios 4: 3,4).

2. Diversidade do corpo (1 Coríntios 12: 14-20).

O corpo de Cristo é diverso, cada um tem o seu jeito, sua característica. O Senhor nos fez diferentes uns dos outros, cada um com uma função. E graças a Deus por isso. Diversidade tem a ver também com pensar diferente, mas o Espírito gera a unidade na diversidade.

O fato de o corpo ter seus membros distribuídos e todos trabalhando juntos para o bem comum é o que torna o corpo funcional. Paulo pergunta: *Se o corpo todo fosse olho, como poderíamos ouvir? E, se o corpo todo fosse ouvido, como poderíamos cheirar?* (1 Co 12:17).

O corpo precisa das diversas funções dos membros para viver (1 Co 12:15-19). Assim, nós precisamos uns dos outros, todos trabalhando em harmonia para edificação do corpo.

Em uma orquestra cada instrumento é diferente, alguns iguais, mas fazendo funções e emitindo melodias diferentes. Todos são da mesma orquestra, sob a regência do maestro. É ele quem vê se tem algo desafinado, que corrige e conduz para que a música seja executada perfeita. Assim é a igreja. A dinâmica do Espírito Santo na diversidade do corpo é como uma grande orquestra.

3. Mutualidade do corpo (1 Coríntios 12: 21-30).

A mutualidade coloca tudo no mesmo nível e grau de importância. Não há dons melhores, ou piores, somos iguais perante o Senhor, somos únicos dentro de um corpo diverso, mas somos singulares para o Senhor.

Ficar magoado por não ter este ou aquele dom espiritual é imaturidade. Se achar superior na sua espiritualidade é pecado. Quando há vaidades, o corpo é PARTIDO – corrompido. A Igreja de Deus não tem espaço para disputa, isso causa divisão. A mutualidade é característica de uma comunidade de discípulos, o contrário disso é imaturidade. Precisamos uns dos outros.

John Stott diz no livro “Ouça o Espírito, ouça o mundo”, que o amor é o elo entre os dons espirituais. Quando se tem amor a Deus e, também uns aos outros, nós exercemos os dons espirituais de forma digna e de forma que honra o Senhor.

Não há mutualidade se não houver unidade. É preciso entender que cada um de nós é importante. É urgente a necessidade de a igreja entender o princípio da mutualidade. *“Então peço que me deem a grande satisfação de viverem em harmonia, tendo um mesmo amor e sendo unidos de alma e mente. Não façam nada por interesse pessoal ou por desejos tolos de receber elogios; mas sejam humildes e considerem os outros superiores a vocês mesmos. Que ninguém procure somente os seus próprios interesses, mas também os dos outros”.* (Filipenses 2: 2-4).

O propósito do dom é para que não haja divisão do corpo, pelo contrário é para edificação mútua. Ninguém compete com ninguém, mas coopera. *Se o pé disser: “Já que não sou mão, não sou do corpo”, nem por isso deixa de ser do corpo. Se o ouvido disser: “Já que não sou olho, não sou do corpo”, nem por isso deixa de ser do corpo.* (1Co 12: 15-16).

Precisamos ser igreja que exerce a mutualidade, de cuidar, de amar, de caminhar uns com os outros, usando o nosso dom para edificação mútua. É preciso zelar pela mutualidade da igreja, pois ela é o reflexo da nossa fé.

É um desafio viver uma comunidade que vive na dinâmica do Espírito em unidade, que entende a diversidade e que vive a mutualidade. É um desafio, mas é o projeto de Jesus para todos nós, para que sejamos comunidade de discípulos.

AULA 6

CONTEMPORANEIDADE DOS DONS ESPIRITUAIS

AULA 6 – CONTEMPORANEIDADE DOS DONS ESPIRITUAIS

Como vimos na lição 4, citando Berkhof e Van Dusen, o impacto do movimento pentecostal causou resultado positivo no reconhecimento crescente da contemporaneidade dos dons do Espírito Santo nas igrejas de tradição reformada. Naquela lição, constatamos a importância dos ofícios e carismas para o dinamismo da igreja na sua vida e missão. Creio que o primeiro a fazer distinção entre ofícios (ministérios) e dons (carismas) foi Donald Gee (1891-1966), teólogo pentecostal inglês, nos dois livros que escreveu: *Dons do Ministério de Cristo* (ofícios) e *Dons do Espírito Santo* (carismas). Atualmente, é comum distinguir entre Dons do Ministério (ofícios) e Dons do Espírito Santo (carismas). Para Calvino, como vimos, comentando 1 Coríntios 12.28, *a ordem natural é que os dons* (carismas) *vêm antes do ofício efetivo* (ministério). Por exemplo, a eficácia do ministério do diácono e evangelista Filipe, foi a manifestação dos dons do Espírito Santo (Atos 8.5-8).

Contemporaneidade de ofícios e carismas na vida e missão da igreja

A pergunta é: os ofícios e carismas mencionados no Novo Testamento tinham tempo de vigência definido ou são permanentes na história do povo de Deus? As posições são divergentes. Os **cessacionistas** afirmam que esses dons foram necessários para a consolidação da igreja, mas cessaram com a morte do último apóstolo (século 1 dC) ou com o estabelecimento do cânon dos livros do Novo Testamento (século IV dc). **Outros entendem que a prática do amor como descrito em 1 Coríntios 13 dispensa esses dons especiais.** Essas posições têm defensores nas igrejas de tradição reformada, mas, por outro lado, exegetas reformados as consideram inconsistentes. A terceira posição é sustentada pelos **pentecostais que creem na plena vigência dos dons até a volta de Jesus.** Hernandes Dias Lopes acrescenta outra posição, a dos **medrosos**, que receiam até estudar o assunto por causa de exageros praticados por pessoas que supostamente exercem dons espirituais. Esse receio já existia nos dias de Paulo e por isso ele fez esta exortação: *Não apaguem o Espírito. Não desprezem as profecias, mas ponham à prova tudo que é dito e fiquem com o que é bom* ([1 Tessalonicenses 5:19-21](#)). As falsificações são possíveis porque existe a experiência verdadeira. Ninguém falsifica, por exemplo, uma nota de R\$ 8,00, porque não existe.

A Igreja Presbiteriana Independente do Brasil reconhece a contemporaneidade dos dons espirituais, como veremos, mas restrições impostas por séculos de tradição eclesiástica provocam em nós nostalgia do dinamismo espiritual que percebemos nas páginas do Novo Testamento. Daí a necessidade de entendermos a nossa tradição à luz da Palavra de Deus, com humildade, reconhecendo a insuficiência do nosso conhecimento em assunto tão importante e superando a arrogância de um cabedal teológico discutível que nos afasta do diálogo com os irmãos pentecostais. Por outro lado, os cessacionistas, enquanto reformados íntegros, são frutíferos na obra de Deus porque exercem dons espirituais mesmo sem saber. Que sirva como advertência para nós as palavras de Jesus dirigidas aos fariseus e escribas que invalidavam a palavra de Deus pela própria tradição (Marcos 7.5,13).

Ecclesia Reformata et Semper Reformanda Est (Igreja Reformada sempre se reformando).

Escrevendo aos coríntios, Paulo afirmou: *Irmãos, quanto aos dons espirituais, não quero que vocês sejam ignorantes* ([1 Coríntios 12:1](#)). Os reformados precisam crescer no conhecimento quanto à realidade dos dons espirituais; os pentecostais, quanto ao correto exercício dos dons. O teólogo reformado holandês Hendrikus Berkhof (1914-1995), citado no início, nos dá exemplo de honestidade intelectual quando reconhece que o movimento pentecostal revelou o

descuido da teologia quanto estudo do Espírito Santo, principalmente em relação aos dons espirituais. Isto pode ser percebido numa rápida visão histórica.

Os cristãos primitivos criam no Espírito Santo, da mesma natureza do Pai e do Filho. Essa fé trinitária era afirmada no batismo (Mateus 28.19) e na bênção apostólica (2 Coríntios 13.13). A doutrina, no entanto, não foi elaborada. No credo apostólico (Sec II dC) e no de Niceia 325 dC) constou apenas: *Creio no Espírito Santo*. No Concílio de Constantinopla (381 dC), no entanto, há uma definição da doutrina mais ampla: *Creio no Espírito Santo, o divino, o doador de vida, que procede do Pai, o qual deve ser adorado e glorificado com o Pai e com o Filho, e o qual falou por boca dos profetas*. Antônio de Godoi Sobrinho constata que todos os grandes da patrística (Sec II-IV) como Justino, Irineu, Tertuliano, Orígenes, Cirilo de Jerusalém, Ambrósio de Milão, dentre outros, confirmaram, na sua época, a contemporaneidade de todos os dons do Novo Testamento¹⁴. E refere-se a Irineu (130-202 d.C.) que foi enfático ao dizer que todos os carismas procedem de Deus, tanto do Antigo quanto do Novo Testamento, e que rechaçá-los, seria grave pecado¹⁵. Outro exemplo é de Novaciano (200-258), citado na íntegra: *Os dons, este mesmo Espírito deu e dispôs como ornamento para a Igreja, esposa de Cristo. De fato, este é o que suscita profetas na Igreja, ensina os doutores, controla o dom de línguas, realiza prodígios e curas, opera maravilhas, dá discernimento dos espíritos, orienta as ações de governo, sugere conselhos, organiza e distribui tudo o que seja dom carismático. Desta forma é que o Espírito Santo torna a igreja do Senhor perfeita e acabada em tudo e por tudo*¹⁶.

A partir do Edito de Milão (313) editado por Constantino, que deu ao cristianismo foro de cidadania, começou uma decadência neste assunto que persistiu, com raras exceções, durante toda a idade média. Agostinho de Hipona (354-430), que exerceu forte influência nos reformadores do século XVI, escreveu: *Nos tempos antigos o Espírito Santo veio sobre os crentes e eles falaram em línguas, que não haviam aprendido, conforme o Espírito Santo concedia que falassem. Estes foram sinais adaptados ao tempo. Pois aquilo foi o sinal do Espírito Santo em todas as línguas (idiomas) para mostrar que o Evangelho de Deus era para ser espalhado a todas as línguas sobre a terra. Isto foi feito por um sinal, e o sinal findou*¹⁷. Essa influência agostiniana que perdurou na idade média está presente em Calvino quando ele afirma *que dos ofícios mencionados por Paulo em Efésios 4.11 apenas pastores e mestres são de caráter perpétuo e que Deus adornou sua igreja com apóstolos, profetas e evangelistas só por algum tempo*¹⁸. Ele ensina que os ofícios permanentes são aqueles que são indispensáveis ao governo da Igreja. Os temporários, por outro lado, são aqueles que foram designados, no início, para a fundação da Igreja e o estabelecimento do Reino de Cristo, os quais deixaram de existir desde então”¹⁹. Godoi aponta certa incoerência em Calvino, pois, como pregador, deixou aberta a possibilidade das manifestações dos dons do Espírito após a regeneração, mas, como teólogo sistemático, colocou várias restrições a estes dons, inibindo, portanto, a igreja, quanto ao largo espectro das manifestações carismáticas. E concluiu afirmando que, felizmente, grandes teólogos (ex Jonathan Edwards) e pregadores (ex Finney) calvinistas ousaram transpor os limites colocados por Calvino e resgataram a posição dos grandes da patrística²⁰. Calvino mesmo, comentando 1 Coríntios 12.28, admite: *Pois é difícil mudar a mente de alguém sobre os dons e os ofícios, dos quais a Igreja foi privada durante tanto tempo, a não ser aqueles leves traços ou sombras deles que ainda podem ser percebidos*²¹. Aplica-se aqui a frase de Gisbertus Voetius (1589-1676) por ocasião

¹⁴ Sobrinho, A.G. *A Doutrina do Espírito Santo* p.78

¹⁵ Ibid., 78, in *Enchiridion Præsteticum*, p.91

¹⁶ Ibid., 79, Ibid., p.94

¹⁷ Buzenitz, Natan. A cessação dos dons apostólicos. Disponível em <https://www.internautas.org.br/cristaos.com/textos> apud in Agostinho. Homília sobre a Primeira Epístola de João, 6.10 Cf. Schaff, NPNF, First Series, 7:497-98, Acesso 18.03.2018

¹⁸ Calvino, Efésios pp. 97-98

¹⁹ Calvino 1 Coríntios p. 389

²⁰ Godoi, A.S. *A doutrina do Espírito Santo*, p.79

²¹ Calvino, 1 Coríntios p.391

do Sínodo de Dort (1618-1619): Ecclesia Reformata et Semper Reformanda Est²². (Igreja Reformada Sempre se Reformando).

A ortodoxia reformada tomou forma nos grandes documentos que definiram a fé (doutrina) e a ordem (governo) nos três principais ramos do protestantismo: no **anglicanismo**, os Trinta e Nove artigos se tornaram declaração de fé em 1563²³; no **luteranismo**, a Fórmula da Concórdia em 1577²⁴ no **calvinismo**, a Confissão de Fé de Westminster foi adotada em 27/08/1647 pela Assembleia Geral da Escócia e continua sendo o padrão do presbiterianismo²⁵. No final do Século XVII e começo do Sec. XVIII a ortodoxia havia se transformado numa espécie de escolasticismo protestante em que “o pensamento correto é frequentemente colocado no lugar da experiência que está por trás de todo pensamento”²⁶. O resultado disso foi o desenvolvimento de um formalismo religioso e de um ritualismo no culto que causaram insatisfação e desejo de mudanças. A reação veio com o pietismo (Alemanha), metodismo (Inglaterra), avivamentos (América do Norte) desembocando no grande despertamento missionário do Séc. XIX. Mas a reação maior foi ao liberalismo teológico que enfraqueceu convicções e despertou nos crentes desejo maior de ter experiências do que receber ensino. Isto deu origem ao movimento pentecostal. Começou nos Estados Unidos quando em 01.01.1901 Agnes N. Ozman “falou em outras línguas” e no dia 21 Parham pregou o primeiro sermão sobre o batismo com o Espírito Santo na Escola Bíblica Betel de Kansas City. Seu discípulo William J. Seymour, pregador negro, foi enviado a Los Angeles, dando origem ao movimento na Rua Azusa, Los Angeles (1906) e deste lugar se espalhou para o mundo. No Brasil, chegou em ondas sucessivas: 1. Em 1910 Assembleia de Deus (Pará) e Congregação Cristã no Brasil (Paraná, São Paulo) com ênfase nas línguas como evidência do batismo com o Espírito Santo. 2. Na década de 50 a Cruzada Nacional de Evangelização, com ênfase na cura divina, dando origem à Igreja do Evangelho Quadrangular, Brasil para Cristo, Deus é Amor e outras. 3. Movimento de renovação carismática, trans confessional, dando origem a algumas igrejas como a IPR, metodista wesleyanas, batistas da Confissão Nacional dentre outras. 4. Neopentecostalismo com ênfase na teologia da prosperidade. Todas essas ondas exerceram influência na IPIB, mas foi o movimento de renovação carismática, a partir da década de 60, que levou o Supremo Concílio a tomar diversas decisões desde 1969 até 1993.

Contemporaneidade dos dons espirituais na IPIB

A Igreja Presbiteriana Independente do Brasil tomou decisão inédita em reunião da Assembleia Geral, então Supremo Concílio, reunido em São Sebastião, São Paulo, depois de ampla discussão, de 17-19 de fevereiro de 1993, nos seguintes termos: 1. Definimos as Santas Escrituras como ponto referencial, fundamental, único e infalível de todo e qualquer ensino e conduta próprios da vida do cristão maduro, devendo as Santas Escrituras ser interpretadas em toda a sua integralidade e à luz da pessoa e da obra de Nosso Senhor Jesus Cristo. 2. cremos que, à luz das Santas Escrituras, todos os dons e os ministérios deles consequentes são também para os nossos dias e que esta sua rica contemporaneidade visa a edificação do corpo de Cristo, conforme especialmente, o ensino paulino exarado em Coríntios, Romanos, Efésios, e que, no exercício desses dons e ministérios, tudo se faça realmente com “ordem e decência”. 3. Recomendamos que seja dada prioridade a busca do fruto do Espírito Santo, conforme ensino expresso de gálatas 5; 22,23, visto que, pela manifestação do fruto do Espírito, nos apossamos do verdadeiro conteúdo da espiritualidade

²² <http://igrejagileade.com.br> 31.10.201

²³ WALKER, W, *História da Igreja Cristã*, II, p. 93 e 94

²⁴ Ibid., p. 123

²⁵ Ibid., p.152

²⁶ DILLENBERGER E WELCH, *El Cristianismo Protestante*, pp.81-89,102, 120-121, 159, 171, 176, 185, 188, 210, 215, 286, 292, 298.

genuinamente cristã. 4. Recomendamos que todos os concílios, pastores e presbíteros sejam zelosos em tudo, não permitindo que pessoas e organismos divulguem, em nosso meio, ensinamentos estranhos às doutrinas sustentadas pela IPIB. 5. Resolve-se criar uma comissão com a incumbência específica de elaborar um amplo e detalhado estudo sobre a pessoa e a obra do Espírito Santo, a qual será nomeada dentre os membros deste plenário. Enquanto os estudos determinados por este plenário não sejam concluídos e entregues ao conhecimento da Igreja, recomendamos uma literatura idônea, segura e serena, que deve ser estudada por todos os pastores e membros da Igreja e, para isso, são indicados os seguintes livros: 1. “O Espírito Santo”, de Billy Graham; 2. “O Espírito Santo, o Deus que habita em nós”, de Caio Fabio de Araújo Filho; 3. “O Cristo de todos os caminhos”, de Stanley Jones; 4. “O Espírito Santo”, de Hendrikus Berkhof e Teologia do Espírito Santo de Frederick Dale Bruner. 6. Recomendamos, finalmente, que os Concílios da Igreja, em todos os seus níveis, tenham critério, cuidado, bom senso, prudência e sabedoria na condução elevada de todas e quaisquer situações relacionadas com as novas manifestações e práticas dos dons espirituais, que não se inserem na tradição histórica Presbiteriana Independente.

O amplo e detalhado estudo sobre a pessoa e a obra do Espírito Santo elaborado pela comissão nomeada naquela reunião foi apresentado e aprovado na reunião do Supremo Concílio em 1995 na cidade de Agudos, SP, e publicado em 1997 pela Editora Pendão Real com o título “a Doutrina do Espírito Santo.

Reflexão: como estaríamos como denominação e igreja local se as várias restrições aos dons espirituais instalados na nossa tradição não tivessem nos inibido, *quanto ao largo espectro das manifestações carismáticas?*

AULA 7

EQUILÍBRIO NO EXERCÍCIO DOS DONS DO ESPÍRITO SANTO

AULA 7 - EQUILÍBRIO NO EXERCÍCIO DOS DONS DO ESPÍRITO

Quando esse tema de equilíbrio no exercício dos dons espirituais é ensinado nas comunidades locais, normalmente o único aspecto que é debatido é a forma como os dons devem ser usados em cultos públicos, mas esse tema vai muito além disso. Em 1 Coríntios 12: 1 vemos que Paulo orienta a comunidade de Corinto a não ser ignorante em relação aos dons espirituais e não ser ignorante significa não estar em nenhum dos dois extremos: acreditar que a manifestação dos dons é prova de maturidade espiritual e não o fruto do Espírito, ou ignorar a existência e a importância dos dons para a nossas vidas e para a vida da igreja como um todo. Ou seja, o equilíbrio em relação aos dons não deve ser tratado apenas em aspectos coletivos da vida da igreja, mas sim também em relação a aspectos individuais da vida dos crentes.

Em 1 Coríntios 12: 4-6 lemos que é o mesmo Espírito que é a fonte de todos os diferentes dons espirituais, lemos também que existem diferentes tipos de serviço, mas que o Senhor a quem servimos é o mesmo, mas principalmente, podemos perceber que é o mesmo Deus que opera **tudo** em **todos**. Com isso, notamos que como cristãos maduros devemos buscar sem ignorância os dons espirituais concedidos pelo Espírito, para servirmos o próximo assim como o Senhor Jesus, para que o Senhor Deus venha operar tudo através de cada um de nós que formamos em unidade o Corpo de Cristo.

- ***Equilíbrio no exercício dos dons individualmente***

Em 1 Pedro 4: 7 podemos ler que o fim está próximo e que, portanto, devemos nos dedicar de forma sensata e disciplinada a oração. Ou seja, se o tempo está acabando devemos nos dedicar as coisas que realmente importam e não aquelas que nos fazem perder tempo. A oração é muito importante no aspecto que tratamos nessa aula pois é a partir dessa disciplina espiritual que o fruto do Espírito é gerado em nossos corações e é apenas quando o caráter de Jesus é formado em nós que passamos a utilizar os dons de forma correta, tanto na nossa vida individual quanto na nossa vida como comunidade local. A oração produz em nós o amor e o amor a Deus e as pessoas é o que nos faz usufruir dos dons tendo como único objetivo servir.

Em 1 Pedro 4: 10-12 vemos que além de termos como norte o serviço quando utilizamos os dons espirituais, precisamos também entender a forma como os mesmos devem ser utilizados. O texto é claro ao nos trazer o entendimento que tudo que falamos deve ter como base a Palavra de Deus e que se estamos dispostos a ajudar o outro devemos fazer com a força de Deus e não a partir da força humana. Ou seja, é a Palavra que nos direciona e é pelo poder de Deus que tudo acontece em nós e através de nós, para nosso amadurecimento e consequentemente edificação do Corpo. Quando vivemos essa realidade passamos a viver como está descrito no verso 11, fazemos tudo para a glória de Deus e não para glória de homens e consequentemente o Pai celestial opera a obra em nosso viver individual e coletivo.

- ***Equilíbrio no exercício dos dons coletivamente***

Em 1 Coríntios 14: 39-40 lemos Paulo incentivando os irmãos da comunidade de Corinto a buscar e ansiar o dom da profecia e ao mesmo tempo vemos o apóstolo orientando os irmãos a não proibir o falar em línguas, mas fazer tudo com decência e ordem. Ou seja,

Paulo deixa claro que o grande problema não é o uso dos dons, mas sim a maturidade de cada irmão para que eles sejam manifestados da forma correta.

No verso 2 do capítulo 14 de 1 Coríntios lemos que quem fala em línguas fala apenas com Deus e no verso 4 do mesmo capítulo, lemos que quem fala em língua fortalece apenas a si mesmo, mas quem profetiza fortalece toda a igreja. Com isso, o apóstolo nos traz o entendimento de que não é errado buscar se fortalecer a partir dos dons espirituais, mas que o mais importante e o que realmente deve ser buscado é fortalecer e edificar toda a igreja a partir daquilo que o Senhor tem feito em nós.

Em 1 Coríntios 14: 29-33, Paulo traz instruções de como o falar em línguas e o dom da profecia devem ser expressos em culto público. O apóstolo afirma que não mais que dois ou três devem falar em línguas e cada um deve se pronunciar em seu momento oportuno e não de forma conjunta e apenas se uma outra pessoa interpretar aquilo que está sendo dito. Paulo é bem claro ao dizer que se não houver quem interprete, os irmãos que tem o dom de línguas devem ficar calados na reunião da igreja, falando com Deus em particular.

Em relação a profecia Paulo traz três direcionamentos: limita entre dois ou três manifestando esse dom no culto, diz que tudo que for dito deve ser avaliado e que todos aqueles que profetizam tem controle de seu espírito e que podem falar um por vez. Isso nos mostra que devemos ser como a comunidade de Bereia descrita em Atos 17: 11-12, analisando tudo o que é dito através da Palavra do Senhor. Entendendo que a utilização dos dons são sempre para edificar o corpo de Cristo, devem ser sempre manifestados a partir do amor fraternal e, principalmente, são utilizados para glorificar a Deus e não a homens. Além disso, percebemos que se buscarmos o fruto do Espírito, o amor, o domínio próprio será gerado em nós e poderemos exercer os dons, tanto a profecia, como falar em línguas da forma correta, não trazendo desordem, mas sim a paz.